

A ÉTICA DE FRIEDRICH NIETZSCHE (1844-1900)

Ramiro Marques

A Vida

Embora Nietzsche não tenha dedicado obras à educação, é possível vislumbrar uma teoria da educação em alguns dos seus escritos. O grande filósofo alemão começou como professor universitário e acabou como um intelectual solitário, deambulando por Génova, Marienbade, Turim e Nice, ao contrário de alguns dos seus herdeiros, de que Michel Foucault é um bom exemplo, que começaram como intelectuais solitários e acabaram as suas vidas como professores universitários, professores de professores, carregados de prestígio institucional e académico e ladeados de um enorme corte de admiradores, seguidores e servidores. O abandono da carreira universitária exemplifica bem a ideia que Nietzsche tinha da impossibilidade e da inutilidade de ensinar as grandes massas, pois "a instrução pública nos grandes Estados será sempre, quando muito mediana, pelas mesmas razões por que nas cozinhas grandes se cozinha, no melhor dos casos, sofrivelmente" (1).

Depois de ter feito os seus estudos de Filologia Clássica, na Universidade de Bona e na Universidade de Leipzig, Nietzsche é nomeado, em 1870, professor de Filologia Clássica na Universidade de Basileia, onde permaneceu apenas oito anos, após o que trocou uma promissora e segura carreira de professor universitário por uma vida solitária, dedicada à escrita, pontilhada por frequentes e prolongadas estadas em diversas cidades da Suíça, do Norte da Itália e do Sul de França. Os últimos dez anos da sua vida foram passados, no isolamento, em Naumburg e Weimer, entregue aos cuidados da sua irmã.

Embora Nietzsche tenha, no início da sua carreira, escrito obras académicas, isto é, que se destinavam a ser avaliadas por um público de académicos profissionais, nomeadamente ensaio **O Nascimento da Tragédia ou Mundo Grego e Pessimismo** (publicado, pela primeira vez, em 1872, depois de uma atribulada peregrinação por vários editores e pequenas edições de autor de partes do texto), abandonou, muito cedo, a segurança da carreira universitária pela solidão errante de uma vida dedicada a combater os "males do século" e o "ar dos tempos" que, na perspectiva do filósofo, eram, nem mais nem menos, o enciclopedismo iluminista e a permanência da tradição judaico-cristã, que ele, aliás, conhecia como poucos, dada a sua sólida formação filosófica e o facto de ser filho de um pastor luterano.

A solidão académica a que Nietzsche se submeteu, a partir de 1878, com o abandono da carreira universitária, foi o preço que teve de pagar pela resistência lúcida e inteligente ao "espírito da época". O corte com a tradição enciclopedista e iluminista, que a Universidade do seu tempo tinha abraçado, bem como a ruptura com o cânone académico de fazer investigação e de pensar a filosofia, deu-se, em 1878, com a publicação da 1ª edição da obra-prima **Humano, Demasiado Humano**. Daí em diante, o filósofo sentir-se-ia liberto para combater todos os ídolos, ideias-feitas, tradições e poderes instituídos. Os textos curtos que compõem a **Gaia Ciência** (1882), os textos proféticos e poéticos do **Assim Falava Zaratustra** (1883-85) e os aforismos de **Para Além do Bem e do Mal** (1886) só podiam ser escritos por uma alma inquieta e genial, liberta dos constrangimentos da vida académica. No último ano da sua vida intelectual (1888), teria ainda oportunidade para nos deixar, qual derradeiro testamento, **O Anticristo**, **Ecce Homo** e **Nietzsche Contra Wagner**, escritos de uma forma quase selvática, como que para se despedir de um mundo que não era o dele e de que não

gostava. Desaparecido fisicamente no último ano do século XIX, as suas últimas obras foram o prenúncio dos "males do século" que estavam para vir (as duas guerras mundiais, os vários totalitarismos de esquerda e de direita, o abastardamento da educação com a escola estatal de massas, o consumismo desenfreado e o triunfo da vulgaridade e do poder do dinheiro) pois ele, soube como ninguém, diagnosticar o "espírito do tempo" que marcou o último século do segundo milénio.

O genial filósofo alemão pagou caro o seu amor pela liberdade e a sua manifesta incapacidade para contemporizar com a vulgaridade e a subserviência, vindo a morrer louco, em 1900, depois de vários anos de solidão e amargura, na dependência de uma irmã manipuladora que havia de contribuir, em muito, para o desvirtuamento do seu pensamento e o aproveitamento oportunista e abusivo da sua obra pelo regime nazi, graças à forma como os "Arquivos de Nietzsche" foram tratados. Em 1876, com apenas 32 anos, numa carta a Reinhardt von Seydlitz, dizia, antecipando o que iria ser o resto da sua vida: "Estou permanentemente interessado em pessoas, como um corsário qualquer, não para a escravatura, mas para me vender a mim e aos outros à liberdade".

Foi uma vida curta (Nietzsche nasceu em 1844, em Rocken) mas, ainda assim, extremamente fértil e prolixa. Poucos escreveram tanto e tão bem em apenas 56 anos de vida, fazendo lembrar, apenas neste aspecto, o seu adversário espiritual, Tomás de Aquino, que viveu apenas 48 anos e nos deixou uma obra imensa e não menos importante. Com efeito, um e outro desenvolveram duas correntes do pensamento que, ainda hoje, são seminais e incontornáveis: com Aquino, o escolasticismo de matriz aristotélica e cristã e, com Nietzsche, o genealogismo pós-iluminista e irracionalista. A terceira corrente, o enciclopedismo iluminista, que Nietzsche tanto detestava, de que Kant e Hegel foram, de formas diferentes, dois expoentes, encontra-se tão afastada da matriz tradicionalista de Aquino, como da matriz genealogista de Nietzsche (2). Contudo, continuam a ser estas as três correntes que fundamentam o nosso pensamento contemporâneo, tanto na filosofia, como na política e na educação. Enquanto Aquino procurava conciliar o poder da razão e da fé, como factores de gestação do conhecimento, e Kant visava construir a autonomia do sujeito cognoscitivo e moral, libertando-o do jugo da tradição, Nietzsche colocava, em posição cimeira, a vontade de poder, como forma de libertação do indivíduo, produto da espiritualização da força e da crueldade e da transvaloração dos valores.

Friedrich Nietzsche considerava-se um "filósofo do futuro" que, como todos os verdadeiros filósofos, mostrava capacidade de ficar sozinho, no cumprimento de uma vocação e de um destino de destruição e recriação. Nietzsche via-se como o cirurgião espiritual da sua época, capaz de usar o punhal, com firmeza, para remover os órgãos doentes da vida contemporânea, ainda que com o coração a sangrar. Consciente dessa missão, o filósofo alemão encarava, de frente, um combate necessário contra o presente e toda a sua obra foi um ajuste de contas crítico contra os males contemporâneos, alguns dos quais ele soube antever, embora tivessem chegado apenas alguns anos depois da sua morte.

A Obra

A concepção ética de Nietzsche é simples e clara: a vida do Homem consiste na vontade de poder. Os seres humanos mais elevados são os que são capazes de se auto-superarem, quebrando as tradições que os prendem a realidades rasteiras. Para voar alto é preciso quebrar as amarras da tradição, da obediência e da servidão. O homem que se ultrapassa a si próprio não tem medo da solidão e, tal como Zaratustra, não hesita em subir às montanhas, quando nos vales e nas cidades apenas o esperam multidões de

rebanhos sem chama. Não admira, por isso, que os heróis de Nietzsche sejam figuras controversas que souberam sacrificar tudo à vontade de poder: o Imperador Frederico II, que soube afrontar o poder do Papado, Galileu, que não receou a Inquisição, Napoleão, que combateu um Continente.

A ética de Nietzsche obedece ao impulso vital, porque o Homem, como ser da natureza, luta pela sobrevivência, combate para crescer, torna-se predominante, não a partir de qualquer moralidade ou imoralidade, mas porque é um ser vivo e porque a vida é simplesmente vontade de poder. Na obra **A Vontade de Poder**, o filósofo leva a sua concepção ao exagero, afirmando que a única realidade é a vontade de qualquer centro de poder se tornar ainda mais forte, num desejo incessante de acumulação de forças, elevando-se, cada vez mais, à condição de senhor. Em **Assim Falava Zaratustra**, Nietzsche, pela voz do profeta solitário, afirma: eu sou aquele que se ultrapassa a si próprio!

Nietzsche foi um filósofo atormentado com a moral e a prova disso é que, foi dos poucos, que lhe dedicou toda a sua obra. E fê-lo com tanta energia, criatividade e mestria que podemos dizer que há uma ética antes de Nietzsche e uma ética pós-nietzschiana. Toda a sua obra, e em particular os ensaios **Para A Genealogia da Moral e Para Além do Bem e do Mal**, são um combate enérgico contra as várias tradições éticas que o precederam, nomeadamente a tradição judaico-cristã e a concepção individualista introduzida por Kant. Não é, portanto, por acaso que, ao longo da sua obra, se sinta a presença de dois ódios de estimação: Aristóteles (cuja filosofia foi apropriada pela matriz cristã medieval) e Kant (cuja filosofia abre caminho à moderna concepção de ética).

Nietzsche concebe uma teoria da verdade que o afasta quer da tradição aristotélico-tomista quer do racionalismo iluminista. Essa teoria gira em torno de duas teses:"1) a verdade é valorizada porque ela é boa para a sociedade e não porque corresponda ao conhecimento das coisas; 2) a linguagem como instrumento privilegiado do conhecimento é essencialmente uma estrutura de dissimulação/apropriação e não uma espécie de espelho da realidade" (3). Este cepticismo relativista, baseado na ideia de que a verdade não é objectiva, mas interesseira, e construída por quem tem o poder, foi apropriado por alguns autores pós-nietzschianos, críticos, tanto da modernidade, como da tradição, e proponentes de um currículo fragmentado, em ruptura quer com a tradição quer com o cânone racionalista e iluminista. Boa parte dos argumentos da pedagogia pós-moderna tem, em Nietzsche, a principal fonte de inspiração. A filosofia de Nietzsche tem sido tão seminal como a de Hegel, dando lugar, num caso e noutro, aos herdeiros de esquerda e aos herdeiros de direita. Os primeiros, souberam associar duas heranças, consideradas por Nietzsche, contraditórias: o colectivismo socialista e o cepticismo relativista. Os segundos, procederam a um ataque à escola de massas, com o argumento nietzschiano, de que a democracia escolar cria rebanhos de carneiros bem-comportados, obedientes, vulgares e ignorantes. Há, portanto, lugar para um Nietzsche que defende uma escola elitista, com um currículo clássico, fortemente académico e ancorado na cultura superior. Mas a sua teoria relativista e utilitarista da verdade, no sentido de que a verdade é uma construção ao serviço de interesses, e a tese da transvaloração dos valores abriram caminho, também, para os autores pós-modernos que defendem a fragmentação curricular, o combate à cultura canónica e a incorporação dos novos valores e dos novos estilos de vida.

Contudo, um olhar pela tábua de virtudes de Nietzsche dificilmente nos pode levar à conclusão de que o filósofo alemão se poderia rever nos currículos e nos ambientes preponderantes nas actuais escolas públicas estatais de grande parte dos países da Europa Ocidental. A indisciplina, a vulgaridade na linguagem dos estudantes,

o desrespeito pelas hierarquias académicas, a ignorância da cultura clássica e o desprezo pelo esforço e pela emulação (tão presentes nas actuais escolas estatais, de tal forma que passaram a ser aceites pelo discurso pedagogicamente correcto!) fariam Nietzsche sentir-se horrorizado, caso tivesse que ensinar em ambientes deste tipo.

Parece-me, assim, inteiramente abusivo o aproveitamento que a actual esquerda nietzschiana, em particular a que se inspira nos trabalhos de Foucault, tem feito do pensamento do filósofo. Repare-se na tábua de virtudes de Nietzsche: virilidade, nobreza, conquista, dominação, distinção, coragem, excelência, distanciamento, força criativa, vontade de poder, originalidade e autonomia. Destas virtudes, apenas a força criativa, a vontade de poder e a autonomia são comuns à tábua de valores da pedagogia pós-moderna, a qual acentua valores que Nietzsche sempre combateu: solidariedade, igualdade e tolerância. O que verdadeiramente seduz a pedagogia pós-moderna é, na verdade, a vontade de poder, que Nietzsche colocou em lugar cimeiro. A nova esquerda educacional, em particular a que se revê nos trabalhos de Peter McLaren, Michael Apple e Henry Giroux, apropriou-se da teoria da verdade de Nietzsche, seduzida pelo seu radicalismo céptico e relativista e enamorou-se da tese da vontade de poder, porque a sua agenda política visa uma finalidade fundamental: a tomada do poder por parte dos "grupos sociais portadores de futuro", nuns casos, as minorias étnicas, noutros, as minorias sociais e noutros, ainda, as minorias culturais. Contudo, a finalidade da educação, para Nietzsche, era radicalmente diferente. Para o filósofo, a educação pública estatal visava criar rebanhos dóceis, conformistas e ignorantes. Mas, a possibilidade de uma educação elitista, fortemente competitiva e ancorada na cultura clássica, tinha por finalidade criar espíritos livres, independentes e verdadeiramente superiores. Uma empresa dessas teria, forçosamente, de se destinar apenas aos que merecem a educação superior. Os outros, por não serem merecedores da educação superior, isto é por não serem capazes de pagar o preço que o esforço de acesso à cultura superior exige, também não precisam dela, "pois o facto de toda a gente ter a possibilidade de aprender a ler corrompe, a longo prazo, não só a escrita, mas também o pensamento... Quem escreve com o seu sangue e por meio de aforismos não quer ser lido, mas sim aprendido de cor"(4). Nietzsche usava as palavras como punhais e os aforismos como setas afiadas, lançadas, com crueldade, contra o "espírito do tempo" e os seus profetas. Não é possível, portanto, levar à letra os aforismos do filósofo, uma vez que, quase todos eles, permitem mais do que uma leitura. Para além disso, a atracção pela crueldade, o desprezo pela vulgaridade e algum rancor pelo facto de a sua superior inteligência e genialidade não poderem ser reconhecidas por uma sociedade que caminhava, a passos rápidos, para a vitória da tecnocracia e da massificação, impeliam Nietzsche para a necessidade de escandalizar com a força radical das palavras, usadas como armas.

Prova desse rancor pela vitória da tecnocracia e da massificação é o facto de Nietzsche ter sido tão crítico da Alemanha e dos alemães e de ter procurado refúgio, ou nas montanhas dos Alpes suíços, italianos e franceses ou nas cidades renascentistas do Norte Itália. O amor que sentia pela Renascença italiana só era comparável ao desprezo pelas modernas cidades industriais que começavam a crescer no seu país natal. Na Renascença italiana, via Nietzsche o brilho e a inteligência perdidos do ideal aristocrático da civilização clássica, onde a libertação do indivíduo, o desrespeito pelas autoridades, o triunfo da cultura individual, o entusiasmo pela ciência e pelas artes não foram acompanhados pelo abastardamento massificador da educação e da cultura que ele tanto temia. No parágrafo 237, intitulado Renascença e Reforma, do ensaio **Humano, Demasiado Humano**, Nietzsche coloca, em oposição, por um lado, os ideais positivos da Renascença italiana e, por outro, a renovação de uma tradição que ele

repudiava: o espírito e a obra da Reforma luterana e calvinista e do seu gémeo, a Contra-Reforma, que, no seu entender, trouxeram para a ribalta os espíritos atrasados e impediram a fusão do ideal clássico com a modernidade.

Para Nietzsche, a educação das massas era uma missão impossível e talvez tenha sido por isso que não dedicou um único ensaio à educação e as poucas referências que lhe faz, nomeadamente no ensaio **Humano, Demasiado Humano** e nos aforismos da **Gaia Ciência** e do **Assim Falava Zaratustra**, são profundamente críticas, sarcásticas e irónicas. É possível no entanto, entrever, nesses textos, a defesa de uma educação aristocrática, que se perdeu no tempo, e que apenas se pode vislumbrar quando olhamos para a Academia de Platão e para o ideal educativo aristocrático do grande filósofo ateniense do século IV A C, ou para as academias neoplatónicas das cidades italianas do Renascimento. Quando Nietzsche se refere ao ideal de cidade, olha sempre para as cidades da antiguidade clássica, para Roma, em primeiro lugar, e para as cidades italianas do Renascimento. Quando se refere ao ideal de homem, olha sempre para figuras fortes, com grande vontade de poder, como Júlio César, Maquiavel ou Napoleão.

É na obra **Assim Falava Zaratustra** que Nietzsche desenha os contornos de uma ensino de excelência, fomentador da vontade de poder, estimulador da força criativa, favorável ao desenvolvimento de espíritos fortes e sãos, opondo-lhe um ensino vocacionado para o rebanho, a degenerescência cultural e a massificação. Para Nietzsche, a ideia de escola para todos é, na melhor das hipóteses, uma ideia impossível e, na pior das hipóteses, um rebaixamento dos melhores espíritos conducente à degeneração cultural. A actual Universidade de massas faria Nietzsche fugir de pavor face à ideia contemporânea de que é possível e desejável abrir o ensino superior a todas as pessoas, incluindo àquelas que não têm talento, nem vontade para se sujeitarem ao esforço continuado e persistente que o acesso à cultura superior exige. A ideia, tão em voga, na actual pedagogia pós-moderna, de que a aprendizagem tem de ser divertida e que o esforço e a emulação devem ser eliminados da escola, não poderia estar mais afastada do espírito e da letra da obra do filósofo. Na obra **Assim Falava Zaratustra**, o filósofo faz o elogio da emulação, pois é graças à competição e ao exemplo dos espíritos mais fortes que é possível desenvolver as capacidades ao ponto de o indivíduo se auto-superar. À ideia de igualdade nos resultados educacionais, tão presente no actual discurso educacional, opunha Nietzsche a defesa da diferenciação e da supremacia dos espíritos mais fortes e mais capazes: "por isso, ó meus irmãos, é precisa uma nova nobreza, que seja a antagonista de toda a população e de tudo o que é despótico e que escreva de novo sobre novas tábuas a palavra nobre" (5).

À ideia impossível da generalização da igualdade, comum quer à versão marxista da modernidade, quer às narrativas pós-modernas de esquerda, opõe Nietzsche a sua concepção de Homem: o Homem nobre é o homem apaixonado, mas que é dono e senhor das suas paixões! O indivíduo distinto das massas não pode ter qualquer atracção pela igualdade. Como Zaratustra afasta-se da multidão para não se corromper, para não ter de conviver com a vulgaridade. Esse afastamento das massas permite ao homem nobre o corte com os antigos valores, criando as condições para a criação de um novo mundo, ordenado por novos valores. Mas só quem estiver disposto a pagar o preço da solidão, pode aspirar a elevar-se à condição de sobre-humano. Nietzsche, ele próprio, pagou um elevado preço por essa demanda! É aquilo a que Nietzsche chama o processo de transvaloração. Contudo, embora Nietzsche apreciasse uma educação capaz de criar espíritos nobres, ele considerava que era melhor haver muitos nobres do que poucos: "É que são precisos muitos nobres, e nobres muito diversos, para que haja nobreza! Ou,

como eu, em tempos disse por metáfora: a divindade consiste, precisamente em haver deuses, mas não um Deus!" (6).

A defesa de uma educação aristocrática e elitista, baseada não na superioridade de uma raça ou de uma classe social, mas na supremacia da vontade de poder e da inteligência, radica na concepção que Nietzsche tem do homem superior. Veja-se o que Nietzsche diz, pela voz de Zaratustra, do homem superior: "Quando fui, pela primeira vez, ao encontro dos homens, cometi a loucura própria dos anacoretas, a grande loucura: coloquei-me na praça pública. E, ao falar a todos, não falei a ninguém. À tardinha, porém, os meus companheiros eram saltimbancos e cadáveres; e eu próprio era quase um cadáver. Com o novo dia, no entanto, ocorreu-me uma nova verdade; aprendi, então, a dizer: que me importam a praça pública, mais a população, mais o barulho da gentinha e as orelhas compridas da população?" (7).

Ao contrário do que, por vezes, erradamente se afirma, Nietzsche nunca defendeu o imperialismo, o racismo ou a linhagem baseada no sangue. Neste sentido, todo o pensamento de Nietzsche é fortemente crítico dos totalitarismos, embora alguns dos seus aforismos possam ser facilmente desvirtuados e interpretados abusivamente, dada a sua intenção de escandalizar o leitor, atingindo-o nas partes mais vulneráveis com o máximo de crueldade. Foi, aliás, o que aconteceu com a sua obra **A Vontade de Poder**, uma parte da qual foi adulterada pela sua irmã.

A ideia contemporânea da unificação do ensino, que tem vindo a dar forma ao desenho cultural dos actuais sistemas educativos, não poderia estar mais longe da concepção educacional do filósofo. O actual figurino de gestão das organizações escolares, baseado na concepção da democracia participativa e da igualdade entre professores e alunos, está bem longe da concepção educacional de Nietzsche, fortemente baseada na hierarquia do saber, na competência e na capacidade de cada um para se superar.

Embora Nietzsche fosse um apreciador dos clássicos gregos e romanos (basta lembrar a sua formação académica em filologia clássica), não tinha ilusões acerca da possibilidade de os ensinar nos liceus, devido à pouca maturidade dos estudantes. Contudo, o reconhecimento dessa impossibilidade, não implicava, antes pelo contrário, a defesa de uma escola fácil, divertida e superficial. Oíçamos Nietzsche, a este respeito: "mas onde se encontra o valor que é geralmente ignorado, é que esses professores falam a linguagem abstracta da cultura superior, a qual, pesadona e difícil de compreender como é, constitui, porém, uma grande ginástica do cérebro; é que surgem continuamente na sua linguagem conceitos, termos técnicos, métodos, alusões, que a gente nova, na conversa com os seus parentes e na rua, quase nunca ouve. Mesmo que os alunos apenas escutem, o seu intelecto adquire involuntariamente uma preformação para a maneira de ver científica" (8).

Ou seja, embora Nietzsche reconheça a impossibilidade de a grande maioria dos jovens adolescentes terem acesso à cultura superior, por lhes faltar maturidade e aptidão, sabe que o maior valor da escola reside no combate à vulgaridade da linguagem, à frouxidão do espírito e da vontade e à superficialidade dos argumentos. Ora, esse combate de Nietzsche é mais necessário hoje do que no seu tempo, visto que a vulgaridade, a frouxidão e a superficialidade invadiram o discurso pedagógico e político oficial, usurpando a cultura superior do currículo e as virtudes de excelência da escola. O que é grave e irónico é que boa parte dessa usurpação está a ser feito em nome de algo que era muito caro a Nietzsche: o perspectivismo radical e o cepticismo relativista. E foi a teoria da verdade, exemplarmente exposta por Nietzsche, nas suas obras, que seduziu a pedagogia pós-moderna e o actual discurso pedagógico dominante: "Que é então a verdade? Um exército móvel de metáforas, de metonímias, de

antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram poética e retoricamente intensificadas, transpostas e adornadas e que depois de um longo uso parecem a um povo fixas, canónicas e vinculativas: as verdades são ilusões que foram esquecidas enquanto tais, metáforas que foram gastas e que ficaram esvaziadas do seu sentido, moedas que perderam o seu cunho e que agora são consideradas, não já como moedas, mas como metal" (9). Sem querer, nem desejar, o talento e a genialidade de Nietzsche abriram a porta aos novos demónios que estão a devorar a cultura superior, sacrificada no altar daquilo que ele mais temia: a retórica da igualdade. Também, neste aspecto, Nietzsche foi tragicamente profético.

E sobre a verdadeira missão da escola, Nietzsche dizia: "a escola não tem nenhuma missão mais importante do que ensinar pensamento rigoroso, juízo cauteloso e dedução consequente" (10). E isso é tanto mais necessário, quanto Nietzsche sabia que os talentos inatos de pouco valem se não forem preparados, com tenacidade, persistência e energia, pela educação. Só assim, o indivíduo se "torna, realmente, um talento, para que, portanto, venha a ser aquilo que é; ou seja, traduza isso em obras e acções" (11). Ou seja, embora Nietzsche fosse céptico em relação à possibilidade e utilidade de uma educação de massas, reconhecia o verdadeiro e insubstituível valor de uma educação aberta a todos os que mostrarem poder merecê-la. Mas dar educação aos que a merecem, não é o mesmo que torná-la obrigatória. É até muito diferente!

A defesa de uma educação aristocrática, por oposição a uma educação de massas, a primeira, marcada pela distinção e excelência, e a segunda, pelo nivelamento por baixo e pelo espírito de rebanho, explica-se pela forma como o filósofo nos apresenta a génese da moral: "Sobretudo em **Para Além do Bem e do Mal** (1886) e **Para a Genealogia da Moral** (1887) ele desenvolve uma explicação sobre a génese da moral, a qual parte do princípio que a nossa moral nasceu como o contrário de uma outra, de tipo aristocrático, praticada por um tipo de sociedade constituída por uma casta dominadora" (12). Com esta imagem, não inteiramente confirmada pela História, Nietzsche põe em relevo os dois tipos de homem, a exigirem, igualmente, dois tipos de educação: o homem nobre, aristocrático e excelente, a exigir uma educação superior, e o homem servil, obediente e vulgar, fruto de uma comunidade e de uma educação onde imperam a vulgaridade, a indiferença e a igualdade. Tal como não é possível comer bem em grandes cantinas, também se revela impossível educar bem numa escola de massas. A educação superior exige autodisciplina e sofrimento. Só quem estiver habituado a exigir de si, sempre cada vez mais, pode aspirar à condição sobre-humana. É, por essa razão, que Nietzsche critica a doença do Homem moderno, manietado pela compaixão, limitado pela concepção de pecado e obrigado a pedir e a conceder perdão. Compaixão, pecado e perdão são as três chagas da condição moderna, a que o Homem nobre deve ser capaz de dizer não.

Ao contrário da tradição judaico-cristã, tão sublimemente traduzida na ética de Tomás de Aquino, Nietzsche valoriza o império das paixões, embora as submeta ao controlo exercido pela vontade de poder e as organize em função da afirmação de uma força vital que valorizava o sexo, a força, o conflito e a dominação. É, por isso, que Nietzsche acredita que o melhor que a Humanidade criou e construiu foi obra de minorias aristocráticas e criativas, detentoras de uma moral de senhores. O herói homérico e o príncipe das cidades italianas da Renascença incarnam, no entender de Nietzsche, todas as qualidades que permitem a criação de grandes obras, porque a cultura superior é fruto da espiritualização da força, do poder e da crueldade. Quando Nietzsche eleva o herói homérico, está simultaneamente a rebaixar o seu oposto, o Homem moderno, e os tipos-ideais que aprisionam a vontade dos homens que habitam as modernas sociedades ocidentais: o burocrata dependente das grandes organizações

sem rosto, o consumidor passivo e inerte face ao poder manipulador dos fabricantes de falsas necessidades, o terapeuta e os dependentes dele. Haverá saída para o Homem moderno? Será ele capaz de se transcender, ditar as suas próprias leis e criar uma nova tábua de valores? Para o conseguir, o Homem moderno teria de pagar o preço da solidão, teria de ser capaz de voltar as costas ao Estado protector e à ilusão de bem estar que as utopias capitalista e socialista engendraram.+

A impossibilidade de ensinar as multidões é bem evidenciada pelo papel desempenhado por Zaratustra na obra e no pensamento de Nietzsche. Numa linguagem profética e poética, sem qualquer respeito pela sequência temporal, em evidente sintonia com a sua teoria do eterno retorno, Nietzsche mostra-nos um Zaratustra misto de profeta, divindade demoníaca e professor que, sempre que desce das montanhas para falar às multidões que se acotovela nos vales e nas praças, sente transformar-se em cadáver no meio de almas mortas. Tempo perdido e inútil, portanto. Zaratustra só se eleva à categoria de sobre-humano quando, qual eremita, se refugia nas mais altas montanhas, longe das multidões vulgares. Zaratustra é claramente aquele que vive de acordo com a nova tábua das virtudes, longe da compaixão que faz os fracos sentirem-se iguais. Com a nova tábua das virtudes, Zaratustra e os poucos capazes de o seguirem dirigem a sua conduta em função da emulação, da superação das suas limitações, dando rédeas livres à sua vontade de poder e libertando todas as suas forças criativas. O Zaratustra, profeta e professor, ensina, pelo testemunho, no seio de uma comunidade de eleitos, a faculdade de encaminhar as nossas vidas segundo o princípio do mais poder.

A antimodernidade de Nietzsche só tem paralelo com a sua oposição à tradição judaico-cristã. Com a modernidade, fruto da vitória do iluminismo racionalista e enciclopedista dos séculos XVIII e XIX, nasceu a escola de massas e os ideais de igualdade e de fraternidade que a escola pública estatal devia ser capaz de ajudar a cumprir. Ora, a antimodernidade de Nietzsche rege-se por outros princípios: a crença na diferença entre os homens, na hierarquia dos saberes, na existência de múltiplas e conflituantes vozes morais, na ausência de padrões objectivos para avaliar a verdade e o bem e na impossibilidade de criar consensos entre as várias comunidades comunicacionais. Esta recusa do humanismo que o iluminismo enciclopedista fez seu é apenas o reconhecimento da pequenez e da inutilidade do homem, com que abre, de forma magistral, o ensaio **Acerca da Verdade e da Mentira no Sentido Extramoral**, escrito no Verão de 1873. Vale a pena incluir aqui esta extensa citação: "Num certo canto remoto do universo cintilante vertido em incontáveis sistemas solares havia uma vez um astro onde animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e hipócrita da história mundial, mas foi apenas um minuto. Depois de a natureza ter respirado umas poucas vezes, o astro enregelou e os animais inteligentes tiveram de morrer. Assim, alguém poderia inventar uma fábula como esta e, no entanto, não ficaria suficientemente esclarecido quão lastimável, quão obscuro e fugidio, quão desprovido de finalidade e arbitrário se apresenta o intelecto humano no interior da natureza. Eternidades houve em que ele não existia; quando ele tiver de novo desaparecido, nada se terá alterado. Pois para este intelecto não há outra missão que transcenda a vida humana. Antes pelo contrário ele é humano, e só o seu dono e progenitor o encara tão pateticamente como se ele fosse o eixo à volta do qual gira o mundo. Mas se nós conseguíssemos comunicar com um mosquito, saberíamos que também ele paira neste ambiente com a mesma presunção e se sente como centro voador deste mundo" (13)

E se o tom profético, diante dos homens vulgares e servis, de Zaratustra se apresenta como o protótipo do sábio e da sabedoria, como é que Nietzsche nos dá a conhecer o aluno? No parágrafo 32 de **A Gaia Ciência**, sobre os discípulos

indesejáveis, Nietzsche dá-nos o retrato de dois tipos de alunos incapazes de acederem à cultura superior: "Que hei-de fazer destes dois adolescentes?, exclamou, zangado, um filósofo que "corrompia" a juventude, como acontecera outrora com Sócrates. "Para mim são discípulos indesejáveis. Aquele não sabe dizer: "Não!" e este diz em tudo: "Em partes iguais!" "Admitindo que eles entendessem a minha doutrina, o primeiro teria muito que sofrer, pois a minha maneira de pensar exige uma alma belicosa, uma vontade de fazer sofrer, prazer em dizer não, uma pele dura - ele sucumbiria às feridas exteriores e interiores. E o outro faria de toda a causa que sustentasse uma coisa medíocre, dando-lhe a forma de um compromisso. Um discípulo assim antes o quero para meu inimigo" (14).

A educação só vale a pena se tiver por missão criar espíritos fortes: "Quanto ao homem individualmente, a missão da educação é a seguinte: assentá-lo com tanta firmeza e segurança que ele, como um todo, nunca mais possa ser desviado da sua rota. Mas, depois o educador tem de lhe fazer feridas ou de utilizar as feridas que o destino lhe causa, e, quando tiverem surgido assim o sofrimento e a necessidade, então também algo novo e nobre pode ser inoculado nos pontos feridos. Toda a sua compleição o absorverá em si e, mais tarde, deixará ver nos seus fluxos o melhoramento" (15).

A educação superior visa, portanto, criar espíritos livres e não é por acaso que Nietzsche, na 1ª edição, no ano de 1878, da obra **Humano, Demasiado Humano**, tenha colocado o subtítulo de **Um Livro Para Espíritos Livres**. A crítica radical que Nietzsche faz ao projecto da modernidade, o projecto do enciclopedismo racionalista e iluminista, é que a liberdade de espírito é impossível com a massificação da cultura e da educação. É contra a ideia do Estado-educador, filho e instrumento do projecto iluminista, que Nietzsche se levanta ao gritar pela necessidade de criar espíritos livres. Ora, a liberdade de espírito exige, de acordo com a narrativa nietzschiana, rebeldia, subversão, ruptura, conflito, solidão e recriação. Aquele que procura o aplauso fácil não pode aspirar à nobreza de carácter. O timorato, aquele que procura atingir a felicidade no meio dos compromissos, da submissão e do servilismo, nunca deixará de ser um escravo. Com esta crítica, Nietzsche antevia os novos demónios da colectivização e da estatização que se preparavam para devorar o novo século que se avizinhava. E esses novos demónios surgiram com duas máscaras: a "persona" do socialismo e o seu irmão com duas caras: o nacional-socialismo e o fascismo. Um e outro exemplificariam aquilo que Nietzsche mais detestava: a vitória da vulgaridade e o esmagamento da liberdade do indivíduo face ao poder do colectivo. No parágrafo 225, do ensaio **Humano, Demasiado Humano**, Nietzsche mostra por que razão o espírito livre é o grande inimigo dos totalitarismos: "Chama-se espírito livre àquele que pensa de forma diferente do que se espera dele, em virtude da sua origem, do seu meio, da sua posição e do seu ofício, ou em virtude dos pontos de vista dominantes da época. Ele é excepção, os espíritos subordinados são a regra; estes censuram-no por os seus princípios livres ou terem a sua origem na mania de se fazer notar ou até permitirem chegar a acções livres, isto é, a actos que são inconciliáveis com a moral estrita. De vez em quando, também se diz que estes ou aqueles espíritos livres seriam derivados de excentricidade e exaltação do espírito...Se os espíritos livres têm razão, então não têm razão os espíritos subordinados, independentemente de os primeiros terem chegado à verdade por imoralidade, de os outros, por moralidade, terem ficado até agora agarrados à falsidade. De resto, não faz parte da essência do espírito livre que ele tenha maneiras de ver mais acertadas, mas antes que ele se tenha desligado do que é tradicional, quer seja com êxito ou com um malogro. Em geral, contudo, ele terá do seu lado a verdade ou, pelo menos, o espírito da busca da verdade: ele exige razões, os outros, crenças" (16).

Os aforismos de Nietzsche ferem como punhais, criam mal estar, quebram o consenso e tocam no sistema nervoso das sociedades ocidentais contemporâneas. Ninguém pode ficar indiferente às suas palavras e foram poucos os filósofos capazes de gerarem tanto hostilidade. Contudo, foram ainda menos os que, como Nietzsche, lançaram as sementes de uma nova maneira de pensar o conhecimento e a verdade. Paradoxal é o facto de, apesar de Nietzsche ter saboreado o isolamento académico em vida, ter deixado um tão grande número de herdeiros. Para compreender Nietzsche é preciso um envolvimento emocional com a sua vida e a sua obra. Nietzsche não foi um escritor de tratados académicos, embora também os tivesse escrito de forma magistral (17). Preferia os aforismos e os epigramas, com grande carga emotiva, como por exemplo, "Deus Morreu!", "Vontade de Poder!", "Sou o Primeiro Imoralista!", "É Preciso Transvalorar os Valores!" e, talvez por isso, deixou que o lessem e interpretassem tão mal. O existencialismo desesperado de Nietzsche forçou-o a críticas apaixonadas à sociedade do seu tempo, uma sociedade que tinha os germes de tudo aquilo que Nietzsche detestava: o capitalismo, o socialismo, a industrialização, a generalização das classes médias, a expansão do poder do Estado, a colectivização da vida social e a universalização da educação estatal.

Sobre o socialismo, diria estas palavras proféticas: "O socialismo é o fantástico irmão mais novo do despotismo quase decrépito, de quem quer ser o herdeiro; os seus esforços são, portanto, reaccionários, no sentido mais profundo. Pois ambiciona uma plenitude do poder estatal como só, alguma vez, a teve o despotismo, e até ultrapassa todo o passado por aspirar expressamente à aniquilação do indivíduo: uma vez que este lhe aparece como um luxo injustificado da Natureza, que deve ser modificado e melhorado por ele, para se tornar um adequado órgão da comunidade. Devido ao seu parentesco, ele mostra-se sempre na proximidade de todas as excessivas ostentações de poder, como Platão, o antigo socialista típico, na corte do tirano da Sicília; deseja (e, em dadas circunstâncias, promove) o prepotente Estado cesariano deste século, porque, como eu disse, gostaria de ser o seu herdeiro. Mas mesmo essa herança não bastaria para os seus fins, ele precisa da mais submissa prostração de todos os cidadãos perante o Estado absoluto, como nunca existiu algo semelhante" (18).

Nietzsche detestava tudo isto, porque via nesses germes um perigo para a liberdade individual e um poderoso incentivo ao adormecimento social, à expansão do espírito do rebanho, à resignação e ao triunfo de uma moral de escravos, ainda que escravos de barriga cheia e circo a todas as horas. O poder do ser humano devia ser dirigido para outra direcção, "uma direcção em contínua autocriação, auto-responsabilidade, e autodomínio...Começando com uma paixão moral que procurava a grandeza e a bondade humanas, Nietzsche via os homens como seres naturais, seres em evolução, capazes de se ultrapassarem a si próprios continuamente. Mas, rejeitando um evolucionismo fácil, ele via a vida, essencialmente, como um conflito em que a existência do indivíduo era determinada por forças primárias não racionais. Contudo, ele acreditava que os indivíduos fortes, indivíduos independentes e sabedores, eram capazes de exercer a sua vontade e criar o seu próprio futuro" (19). A educação superior visava, precisamente, ajudar a criar esses indivíduos.

As suas críticas ao sistema educativo de massas, tal como estava a despontar no seu tempo, justificavam-se porque via, no Estado-educador e na generalização da educação estatal, os principais instrumentos da vitória da moral de escravos.

Em oposição à moral de escravos, Nietzsche argumenta a favor de uma moral aristocrática de senhores. Toda a vida consiste em dar expressão à vontade de poder. Toda a vida humana, que aspire à grandeza, visa a auto-superação. A moral aristocrática dos senhores exige uma educação superior, mas Nietzsche não tem ilusões acerca da

possibilidade de essa educação ser acessível a todos. A sua acessibilidade e a sua generalização trariam consigo o seu abastardamento. Palavras proféticas, as de Nietzsche!

A educação superior permite criar o homem nobre, o homem criador de valores. A vontade de poder, em Nietzsche, é mais um instinto de liberdade do que uma vontade política. No **Assim Falava Zaratustra** e em **Para Além do Bem e do Mal**, o filósofo descreve as características do homem nobre: primeiro, ama a independência de espírito, é auto-suficiente, aspira a ser grande e não se contenta com as pequenas coisas, rejeita as virtudes cardinais e as virtudes teológicas a favor da nova tábua de virtudes e vive num processo contínuo de destruição e recriação. A educação superior preza a disciplina auto-imposta, não foge do sofrimento e abraça a competição, porque a vida é uma eterna luta, é conflito, é crueldade e é sofrimento.

O homem torna-se nobre, não através do nascimento, não através da pertença a uma raça ou a uma classe social, mas enfrentando o perigo, aceitando o conflito, preparando-se para a guerra (guerra, em sentido figurado), cultivando a força do espírito e do corpo, travando consigo e com os outros as mais duras batalhas num processo de auto-superação sem fim, elevando e dando forma às forças vitais. Na visão desencantada e cruel de Nietzsche, o protótipo do homem nobre é o homem homérico da Grécia Antiga e o seu contrário, é o homem contemporâneo, que acusava de ser frouxo, mole, servil e vulgar. A escola de massas era, no entender de Nietzsche, o instrumento para a criação do homem vulgar. A educação superior, a fonte de onde brotam os homens nobres. Entre uma e outra não há meio termo. Ambas se excluem e se repelem.

Notas

1) Nietzsche, **Humano, Demasiado Humano**, Volume Dois das Obras Escolhidas, Editora Relógio D`Água, 467, p. 283 (Todas as referências e citações de Nietzsche se referem a textos das Obras Escolhidas, editadas pela Relógio D`Água

2) Alasdair MacIntyre tem vindo, nas últimas três décadas, a analisar, de forma inteligente, as heranças intelectuais destas três correntes do pensamento. Chamo a atenção para **After Virtue**, University of Notre Dame Press, 1984 (1ª Edição em 1981) e **Three Rival Versions of Moral Enquiry: Encyclopedia, Genealogy and Tradition**, University of Notre Dame Press, 1990.

3) António Marques, Introdução Geral ao Volume Um das **Obras Escolhidas de Nietzsche**, Relógio D`Água, 1997, p. XIV

4) Nietzsche, **Assim Falava Zaratustra**, Volume Quatro das Obras Escolhidas, I, Do Ler e Escrever, p. 45

5) Nietzsche, **Assim Falava Zaratustra**, Volume Quatro das Obras Escolhidas, III, Das Tábuas Antigas e Novas, 11, p. 236

6) Idem, p. 237

7) idem, **Assim Falava Zaratustra**, Do Homem Superior, I, p. 334

- 8) Nietzsche, **Humano, Demasiado Humano**, Volume Dois das Obras Escolhidas, 266, p. 244-245
- 9) Nietzsche, **Acerca da Verdade e da Mentira**, Volume Um das Obras Escolhidas, p. 221
- 10) Idem, 265, p. 243
- 11) Idem, 263, p. 242
- 12) António Marques, Introdução Geral, **O Nascimento da Tragédia e Acerca da Verdade e da Mentira**, Volume Um das Obras Escolhidas, p. XXXVII
- 13) Nietzsche, **O Nascimento da Tragédia e Acerca da Verdade e da Mentira**, Volume Um das Obras Escolhidas, p. 215
- 14) Nietzsche, **A Gaia Ciência**, Volume Três das Obras Escolhidas, 32, p. 48
- 15) Nietzsche, **Humano, Demasiado Humano**, 224, p. 207-208
- 16) Idem, 225, p. 208-209
- 17) Nomeadamente **O Nascimento da Tragédia** (1873) e **Para Além do Bem e do Mal** (1886)
- 18) Nietzsche, **Humano, Demasiado Humano**, 473, p. 289-290
- 19) Ashby, W. (1997). **A Comprehensive History of Western Ethics: What do We Believe?**. Amherst: Prometheus Books, p. 513

Referências

- Ashby, W. (1997). **A Comprehensive History of Western Ethics: What Do We Believe?**. Amherst: Prometheus Books
- MacIntyre, A (1984). **After Virtue**. Notre Dame: University of Notre Dame Press
- MacIntyre, A (1990). **Three Rival Versions of Moral Inquiry: Encyclopedia, Genealogy and Tradition**. Notre Dame: University of Notre Dame Press
- MacIntyre, A (1998). **A Short History of Ethics**. Notre Dame: University of Notre Dame Press
- Nietzsche (1998). **Obras Escolhidas**. Lisboa: Relógio D'Água